

Quero alfabetizar as crianças africanas

Tatiana Grossman, 17 anos, ajuda a manter várias bibliotecas na África

A paixão pelos livros começou cedo na vida de Tati. A garota da cidade de Palo Alto, na Califórnia (EUA), conta que, quando criança, ficava fascinada com as histórias e os mundos que os livros apresentavam. “Eu não consigo pensar numa vida sem livros e tenho certeza de que não seria quem eu sou se não fosse por eles. Sempre digo que me conheci por meio da leitura”, conta Tati.

Agora, imagine só o que ela sentiu quando soube que, na África, 75% das crianças não sabiam ler. “Descobri sem querer quando entrei numa unidade de coleta de livros da minha cidade. Fiquei chocada e muito triste”, conta. Foi quando ela decidiu pôr a mão na massa.

Aos 12 anos, Tati passava o tempo livre em frente a bibliotecas infantis e escolas para pedir doações. “As pessoas ficam muito felizes em dar seus livros velhos para uma boa causa. Consegui até coleções completas de enciclopédias”, lembra. Em apenas dez dias, a garota conseguiu mais de 3,5 mil exemplares e, com a ajuda da fundação African Library Project, localizou as escolas que precisavam de livros. “Parece complicado, mas não é! Foi só entrar no site da organização e ligar para eles.”

O segundo passo foi arrecadar dinheiro para poder enviar os livros pelo correio. “Consegui doações de amigos, vizinhos e até do pessoal da escola.” E, mesmo já tendo feito a sua parte, ela não quis parar.



Tati com os livros para a doação e, ao lado, em sua visita à África.



Foto Arquivo pessoal

“Meu maior sonho é conseguir mudar o futuro deles por meio da leitura.”

Com 15 anos, Tati criou o Spread the Words (Semeando Palavras, em inglês), uma organização que recebe doações de livros com o objetivo de ajudar a alfabetização de crianças africanas. “Vamos continuar abastecendo as escolas com novos títulos e criar bibliotecas em cidades que não têm recursos”, explica.

Até hoje, ela já enviou cerca de 30 mil livros, formando 32 bibliotecas em cinco países africanos – Botsuana, Suazilândia, Lesoto, Malauí e Gana. Pela iniciativa, Tati foi indicada ao Nobel da Paz para

jovens e ganhou um prêmio de US\$ 30 mil, que decidiu investir na própria organização. “Também fui convidada para uma conferência na África, onde dei uma palestra e conheci as crianças que receberam os livros. Não tenho palavras para descrever essa experiência”, lembra a garota.

Ela diz que o projeto sempre vai fazer parte de sua vida e que, no futuro, pretende lutar pela inclusão digital nas escolas africanas. “Quero que essas crianças tenham um pouco dos recursos de aprendizado que temos. Vou lutar por isso”, avisa. ☺

Conhece ou viveu uma história incrível? Mande para a CH em abr.io/narealch